

## AS CORES E SEUS SIGNIFICADOS: ANÁLISE DAS VESTIMENTAS DA SÉRIE O CONTO DA AIA<sup>1</sup>

Huana Luiz de Figueredo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo responder à seguinte pergunta a respeito das cores: “quais os significados das cores das roupas usadas pelos personagens principais na série O Conto da Aia?”. O propósito é entender o que elas representam na sociedade distópica abordada no seriado, em relação aos estudos sobre as cores na comunicação, utilizando autores principais como Fraser, Banks e Heller para complemento da pesquisa. A metodologia usada neste trabalho é o método de pesquisa qualitativa descritiva, utilizando o tipo análise de conteúdo. A técnica do estudo de caso é aplicada à série O Conto da Aia, para analisar as cores dos figurinos dos personagens e o que elas representam na narrativa da história. Concluímos que as cores têm um papel muito importante para a construção da narrativa da série, pois o telespectador assume os símbolos ao assistir, mesmo que de maneira subliminar.

**Palavras-chave:** Cores. O Conto da Aia. Roupas.

### 1 Introdução

Todos os dias vemos cores, em qualquer lugar, elas nos rodeiam. Porém, dificilmente para-se para refletir sobre elas: O que são? Como as enxergamos? Porque as enxergamos? O que sentimos e por que sentimos? São muitas perguntas a serem respondidas. Logo, o foco deste trabalho será uma análise sobre cores e o sentido que elas trazem, pois segundo Farina, Perez e Bastos (2006, p. 2) “as cores influenciam o ser humano e seus efeitos, tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc”.

Conforme iremos ver a seguir sobre as cores, é importante pensarmos nelas no contexto individual, cultural e biológico, porque ao mesmo tempo que a cor infere de forma diferente em cada uma, ainda sim caminham juntas. O autor Van Amstel (2005) acredita que

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Aline Gambim

<sup>2</sup> Huana Luiz de Figueredo. E-mail: huanaafg@hotmail.com

uma mesma cor pode mudar de significado conforme os hábitos, crenças e conhecimentos de um povo, dito isso, o significado de cada cor depende como cada cultura as percebem dado que se relacionam com certas sensações.

As cores têm grande importância na vida das pessoas, elas continuam as mesmas para todos, mas a forma de recebermos suas informações mudam geograficamente conforme a cultura e crença, pois uma mesma coisa pode ter vários significados e também alguns outros que são coletivamente conhecidos por todos, por exemplo: o vermelho é paixão. Dito isso, a importância de compreender sobre cores e seus significados nas vestimenta ajuda a estimular a opinião crítica sobre a moda e modo como nos vestimos em sociedade, tanto quanto como podemos usar e estimular qualquer coisa que quisermos com a cor: deixar um ambiente mais calmo ou tornar um produto mais atrativo para compra.

Dessa forma, fiz os seguintes questionamentos: "quais os significados das cores das vestimentas usadas pelos personagens principais da série O Conto da Aia e o que elas representam na sociedade distópica abordada no seriado, em relação aos estudos sobre as cores na comunicação? Portanto, a partir destas perguntas, o objetivo da pesquisa será respondê-las com base teórica de autores como Fraser e Banks (2007), Eva Heller (2013) e Farina, Perez e Bastos (2013).

Com base na teoria das cores, será analisada a série de televisão, transmitida pelo canal de streaming Hulu, O Conto da Aia. A história se passa na República de Gilead - um regime autoritário comandado por homens onde o governo é regido pelos dizeres da bíblia e também onde mulheres são propriedades de Gilead - que invadiu o país onde uma vez foram os Estados Unidos. Esse regime surgiu quando a taxa de natalidade da humanidade despenca drasticamente e, para resolver o problema e começar o repovoamento e preservar a civilização, utilizam das poucas mulheres férteis, as Aias, para servir às famílias ricas que não conseguem ter filhos devido à infertilidade da mulher ou do homem. Isso acontece contra as suas vontades em forma de cerimônia todo mês. Em resumo: são usadas como escravas sexuais.

Foi utilizado para este trabalho o método de pesquisa qualitativa descritiva, do tipo análise de conteúdo como técnica de estudo de caso da série O Conto da Aia a partir dos conhecimentos sobre a teoria das cores, a fim de analisar as cores dos figurinos das personagens e o que elas representam na narrativa da história. Dessa maneira, acredito na importância de adentrar sobre os conceitos da série no qual a narrativa da história se passa em um ambiente machista que trata as mulheres como objetos e as desvalorizam, visto que, atualmente, vivemos uma sociedade com diversos problemas de desigualdade, conhecida por

ser machista e sofrer diversas formas de violência, como estupro e assédio, por este motivo, escolho apenas mulheres para análise, para que possamos também refletir como ser humano.

Nas seções seguintes, aprofundaremos as definições sobre cor, será explicado o que é cor, como as percebemos, os mecanismos do globo ocular. Os conceitos sobre a luz, como Newton descobriu as cores e Goeth com o seu círculo cromático. Ainda na segunda seção, será visto a psicologia das cores onde será falado sobre as associações materiais e emocionais. Complementando, na terceira seção sobre moda, do por que nos vestimos e brevemente sobre roupas e cores litúrgicas. E, por fim, o estudo de caso e, a análise do objeto.

## 2 Cor

Farina, Perez e Bastos (2006, p. 1) afirmam que a palavra *color* (derivada do latim), era utilizada para comunicar-se no antigo império romano, entretanto, enfrentou transformações em diversas línguas até ser a mais conhecida, em português, como “cor”. Os autores ainda relatam que “tecnicamente a palavra ‘cor’ é empregada para referir-se à sensação consciente de uma pessoa, cuja retina se acha estimulada por energia radiante”. Ou seja, essa é uma sensação causada por raios luminosos emitidos no planeta terra.

Leonardo da Vinci (1982, 51 *apud* Farina; Perez e Bastos, 2006, p. 10) alegou que a cor não se resumia apenas como característica do objeto, mas sim com a relação com o “funcionamento da visão binocular e do olho que, para ele, seria a ‘janela da alma’, a principal via para que o sentido comum [o cérebro] possa simples e magnificamente julgar as infinitas obras da natureza”.

Para Guimarães (2000), o cérebro - junto com os olhos - é o responsável por identificar e decodificar o estímulo físico, modificando a informação em sensação, acontecendo assim, o que conhecemos de o efeito da cor.

Em situações adequadas, o estímulo físico normalmente é um fluxo luminoso; contudo, a influência de outros agentes físicos ou químicos no órgão da visão ou no cérebro - obtida por pressão física, lesões ou alguns tipos de drogas - pode provocar também a sensação de cor (GUIMARÃES, 2000, p. 12).

Seguindo esse conceito, Schopenhauer (1988, p. 36-7 *apud* GUIMARÃES, 2000, p. 10) expôs a ideia da cor como um evento a partir das interpretações dos estímulos e do processo de adquirir conhecimentos. Continua afirmando que o fato de desenvolver a cor como algo característico somente de um corpo não interfere na interpretação imediata da cor,

pois, já existe muito antes do corpo e, completa: “a cor não é outro que o efeito, a condição determinada pelo olho e, como tal, existe independente do objeto, somente pelo intelecto”. Schopenhauer (SCHOPENHAUER, 1988, p. 36-7 *apud* GUIMARÃES, 2000, p. 10). Ainda Guimarães (2000) menciona que hoje em dia os defensores desses conceitos sobre cor como uma forma de percepção são: Jacques Aumont e Michel Pastoureau. Ambos afirmam que a cor não está nos objetos, mas sim em nossa percepção, ela não chega a ser uma matéria, nem um fragmento de luz, mas sim uma sensação de um componente colorido pela luz que alcança os olhos, e esses a conduzem para o cérebro. O autor aponta que antigamente existiam diversos estudos fazendo suposições sobre as cores, no que julgavam ser o certo para a época. Além disso, muitos acreditavam na “cor como instrumento”, em outras palavras, a cor era vista como um objeto constituído por vários fragmentos a fim de desempenhar um trabalho.

Essa variedade de conceitos, cada um empregando repertório e linha de pensamento próprios, cria condições para "tolas discussões" envolvendo as cores, divergências sobre sua denominação precisa, sobre o que se vê, ou mesmo sobre seu conteúdo expressivo. Sua presença em várias "ciências" e manifestações artísticas, verbais e não-verbais, além da sua existência na organização de nossa vida cotidiana, seja ela esportiva, política, social ou religiosa, faz da cor um tema propício à manifestação de todos, que julgam estar armados de argumentos razoavelmente sólidos e, mais ainda, sentem-se familiarizados com o tema e instigados a defender suas próprias convicções (GUIMARÃES, 2000, p. 11).

Dessa forma, diante da fala acima de Guimarães, é possível constatar que as cores estão em todos os lugares, sendo exibidas de distintas formas dentro na sociedade e, para que ela seja capaz de existir, ou melhor, para que seja possível enxergá-las, é necessário a presença de luz.

Em termos da Comunicação, diríamos que a cor, para existir, pressupõe: emissor - objeto, cuja superfície reflete a luz; codificador - condições físicas do objeto para refletir a luz; canal - raio de luz; mensagem - cor; decodificador - aparelho visual do indivíduo; receptor/intérprete - cérebro do indivíduo (FARINA; PEREZ E BASTOS, 2006, p. 60).

Entretanto, para os autores Farina, Perez e Bastos (2006, p. 85), acreditam que a “cor é uma realidade sensorial à qual não podemos fugir.” Visto que, ela atua sobre o cognitivo dos indivíduos com a capacidade de provocar emoções, além de gerar uma impressão de movimento. Resumindo, “vemos o amarelo transbordar de seus limites espaciais com uma tal força expansiva que parece invadir os espaços circundantes; o vermelho embora agressivo, equilibra-se sobre si mesmo; o azul cria a sensação do vazio, de distância, de profundidade”.

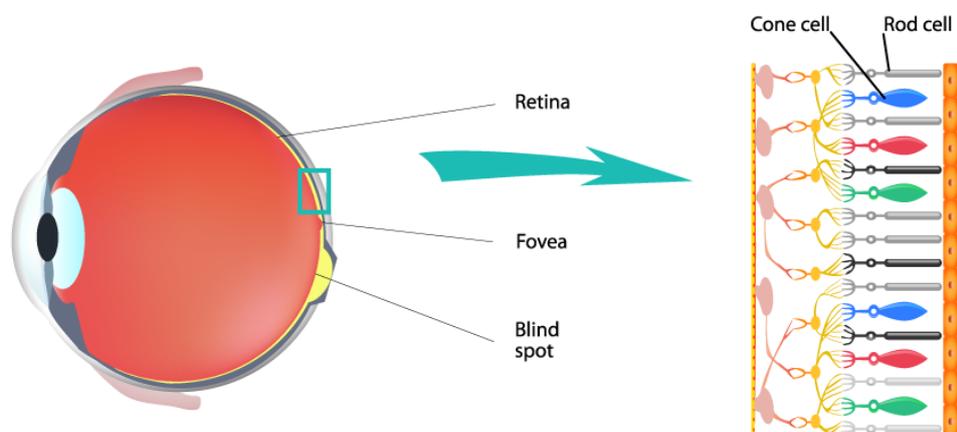
Entendido isso, Guimarães (2000, p. 12) declara “que a ideia da cor depende da definição dada pela área de sua aplicação”. A partir do que foi exposto até o momento, é seguro desenhar uma definição que resume todos os elementos (o objeto, a luz, o órgão da visão, o cérebro) das ideias da cor. Ou seja, a cor é algo que pode ser transmitida através da visão, provocada pela capacidade de movimento (ou estímulo) que os olhos assimilam e encaminham para o cérebro para ser interpretada.

Conforme o site Benq (2018), empresa especializada na fabricação de aparelhos eletrônicos de computação, diz que há duas moléculas na retina que causam a nossa consciência sobre a cor: bastonete e cone. Este último, permite que a cor seja enxergada e se manifesta mais facilmente em luz brilhante. Para o Team ProVisu (2019), têm 3 tipos de cones: “S sensíveis ao azul, M ao verde e L ao vermelho”. No entanto, para Benq:

Os bastonetes, por outro lado, são sensíveis à intensidade da luz. No olho humano, as células bastonetes nos permitem distinguir e detectar objetos no escuro; no entanto, como sua sensibilidade à luz é melhor do que as células cone, nossa capacidade de perceber a cor dos objetos em uma área de baixa luminosidade torna-se fraca (BENQ, 2018).

Na Figura 1, é possível visualizar o mecanismo das cores nos olhos onde há 3 estruturas importantes para a recepção e transformação da luz em imagem: retina, fóvea e ponto cego. Sendo o ponto cego uma pequena parte da retina que não existe receptor de luz, a fóvea é onde a visão alcança maior sensibilidade e, na retina o estímulo luminoso é transformado estímulo nervoso que são enviados para o cérebro. É na retina se encontram os bastonetes e os cones, com a função de captação de luz.

Figura 1 - mecanismo das cores nos olhos.



Fonte: Disponível em: <<https://www.benq.com/pt-br/centro-de-conhecimento/conhecimento/o-que-sao-cores-precisas.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.

Desta forma, segundo Team ProVisu (2019), “eles convertem energia luminosa em sinais nervosos e transmitem-nos para o cérebro através do nervo óptico. No cérebro, esses sinais são decodificados para criar a imagem que está sendo vista”.

Dito isso, a compreensão da cor, às vezes é ausente. Isso é chamado de discromatopsia, conhecida popularmente por daltonismo, que para o autor “é caracterizada pela ausência de percepção de cor ou incapacidade de distinguir certos tons de cores”.

## 2.1 Luz

Como exposto anteriormente, se entende que para a cor fazer sentido - ou para existir - é essencial que a mesma chegue aos olhos através da luz e percorra um caminho até chegar ao cérebro, para onde é enviada com a intenção de ser assimilada. Em vista disso, iremos nesse capítulo, procurar entender os mecanismos da luz e visão.

Segundo Silva e Martins (2003), o estudo da teoria da luz e cores está presente como exemplos de aprendizagem sobre a ótica em diversos livros didáticos e universitários. Nos livros, explicam, em geral, a respeito do experimento da dispersão da luz branca por um prisma indicando que essa luz é composta por raios coloridos. Silva e Martins (2003, p. 56) descrevem que depois de diversos estudos, no ano de 1672, o pesquisador Isaac Newton apresentou alguns conceitos sobre a luz e afirmou que ela é “uma mistura heterogênea de raios com diferentes refrangebilidades”. O autor relata como Newton descobriu a ideia de deflexão – que segundo o dicionário Oxford Languages - significa alteração ou desvio da posição natural (de algo ou alguém) para um dos lados:

Um feixe de luz solar passava através de um prisma, formando uma mancha em uma parede. Newton notou que a mancha não era circular como o disco solar – ela era alongada. Para explicar este efeito, assumiu que a luz branca do Sol era composta de muitos raios diferentes. Cada tipo de raio seria refratado em uma direção diferente e seria associado a uma cor diferente: “os Raios menos refrangíveis são dispostos a exibir a cor Vermelha, e [...] os Raios mais refrangíveis são todos dispostos a exibir uma Cor Violeta profunda” (NEWTON, 1672a, p. 318 *apud* SILVA; MARTINS, p. 59).

Na Figura 2, Newton em seu experimento de refração da luz descobre através de um prisma triangular em quarto escuro com um feixe de luz que é possível que a luz seja composta por diversas cores.

Figura 2 - Prisma de Newton.



Fonte: Disponível em: <<https://pesquisaescolar.site/isaac-newton-as-particulas-de-luz/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

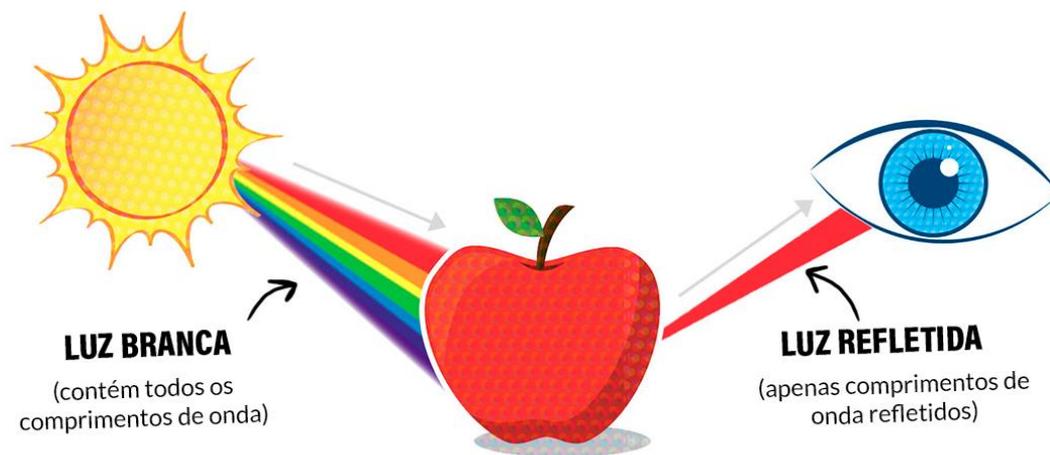
Newton (1672, p. 321 *apud* SILVA; MARTINS, 2003. p. 56) discorre acerca da sua visão para validar a teoria a partir de diversos experimentos, mas, o experimento a ser discutido nesse artigo será o primeiro, explicado brevemente abaixo.

De acordo com esta ideia, Silva e Martins (2003, p. 59) desenvolvem a explicação que no primeiro experimento, Newton descobre que a aparência alongada da mancha era correspondida por diversas cores. Assegura dizendo que “cada cor emerge do prisma em uma direção diferente. Atualmente, interpretamos isso como uma separação das cores previamente existentes na luz branca. No entanto, essa não é a única (ou mesmo a mais intuitiva) interpretação”. Além do mais, os autores mencionam que a maioria dos estudiosos da época, até mesmo Newton, achavam que era o prisma que criava as cores, em outras palavras, daria a entender que as cores alteradas pelo prisma seriam em consequência da luz branca.

De fato, a luz branca sempre pareceu ser o tipo mais simples de luz. Quando ela passa através de um corpo colorido transparente ou translúcido ela adquire cores – e isso parece ser uma transformação da luz. Da mesma maneira, acreditava-se que o prisma criava as cores – isso não seria apenas uma separação das cores (SILVA; MARTINS, 2003, p. 59).

Na Figura 3, entendemos como enxergamos as cores. A luz branca com todos os seus comprimentos de onda reflete no objeto e, quando vemos esse objeto, captamos apenas o comprimento de onda da cor do objeto. No caso da figura 3, o vermelho da maçã.

Figura 3 - Como enxergamos as cores.



Fonte: Disponível em: <<https://pesquisaescolar.site/isaac-newton-as-particulas-de-luz/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

Sendo assim, os autores Silva e Martins (2003), continuam sustentando a ideia de Newton, expondo que:

Newton comparou este experimento ao que ocorria no caso da luz branca em um único prisma: cores diferentes aparecem e cada uma delas é defletida em uma direção diferente. Sua explicação foi que a luz branca consiste em uma mistura de todas as cores que aparecem no espectro, cada cor sendo separada das outras – mas não criadas – pelo prisma, devido suas diferentes refrangibilidades (SILVA; MARTINS, 2003, p. 59).

Essa possibilidade, da mesma forma, descreve a forma alongada da mancha do primeiro experimento apresentada por Newton:

[...] a verdadeira causa do comprimento da imagem foi detectada não ser outra, senão que a Luz consiste em Raios diferentemente refrangíveis que, sem qualquer diferença em suas incidências, foram transmitidos em direção a diferentes partes da parede, de acordo com seus graus de refrangibilidade (NEWTON, 1672a, p. 318 *apud* SILVA; MARTINS, 2003, p. 59- 60).

Segundo Moura (2016, p. 15), para tornar mais fácil a compreensão, até para aqueles que não têm conhecimentos aprofundados sobre os mecanismos da cor, esclarece que é possível explicar que “luz, ao bater num objeto, pode ser: 1 – refletida 2 – absorvida 3 – dispersada 4 – transmitida”. A luz, conforme Farina, Perez e Bastos (2006, p. 60), é incolor. Também explicam que somente “adquire cor quando passa através da estrutura do espectro visual [...], que a cor não é uma matéria, nem uma luz, mas uma sensação”. Sobre o conceito

de luz:

A luz é mediação. Os objetos do mundo aguardam inertes e latentes a sua manifestação, que só será possível, quando levados por feixes luminosos até os nossos olhos. A visão representa uma das preciosidades que o homem recebeu da natureza. É talvez o sentido que mais faz vibrar o ser humano e o faz pensar, gozar e desfrutar as coisas do mundo que o rodeia. Os olhos, através dos quais se processa a visão, constituem, portanto, os órgãos privilegiados de ligação entre o mundo interior do homem e o mundo exterior que o rodeia. Essa ligação somente se realiza quando há luz (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 27).

Em outras palavras, entende-se que houve refração (separação) da luz branca ao passar pelo prisma, causando a separação das cores. Só enxergamos a cor quando a luz branca (contendo todos os comprimentos da onda) toca um objeto de determinada cor - por exemplo, vermelho - e apenas a cor do comprimento da onda do objeto é refletido para os olhos.

## **2.2 Psicologia das Cores**

Depois de compreender a cor e como ela é percebida pelos olhos humanos, neste capítulo, será estudado sobre a psicologia das cores. Foi buscado entender o impacto das cores em nossas emoções que acabam se manifestando no subconsciente, inclusive, em nossos comportamentos. Elas podem despertar muitos efeitos, como por exemplo: efeito emocional, psicológico e cultural.

Singh (2006 *apud* ZYLBERGLEJD, 2017, p. 30) discorre afirmando que as cores estão em todos os lugares e que 90 segundos de interação com algum produto ou com pessoas é o tempo suficiente para que decisões e opinião sejam tomadas. Inclusive, Zylberglej (2017) cita Singh, dizendo que aproximadamente 62-90% das opiniões são fundamentadas nas cores, deste modo, é possível entender que dependendo de como as cores são usadas, elas conseguem auxiliar tanto a diferenciar os produtos na publicidade, quanto a “influenciar sentimentos e humores (seja de forma positiva, ou negativa), e, conseqüentemente, a atitude e ação que será tomada com relação a certos produtos” (FRASER; BAKER, 2007, p. 30).

Zylberglej (2017, p. 30) aponta que as cores são importantes na construção de nossas ideias, opiniões e atitudes e que somos influenciados em nosso humor e sentimentos. No marketing, as cores são indispensáveis, pois, segundo a autora, "podem aumentar ou diminuir o apetite, melhorar o humor, acalmar consumidores, reduzir a percepção de tempo, entre outros impactos". Ela expõe ainda:

A Psicologia das Cores se trata de um estado aprofundado sobre como o cérebro humano identifica as cores existentes e as transforma em sensações e sentimentos. Este é um estudo que, junto com os conhecimentos da teoria das cores, ajuda a compreender a influência das cores nas emoções e nos sentidos de quem as percebe (ZYLBERGLEJD, 2017, p. 36).

No entanto, Fraser e Banks (2007, p. 20) acreditam que há dois lados sobre a cor: um que alguns especialistas insinuaram que as explicações emocionais e do subconsciente tenham relações linguísticas, já outros, argumentam que determinadas ideias “naturais” da cor existem e nos tocam, livres de ações sociais e culturais. O psiquiatra e psicoterapeuta Carl Jung (1875-1961 *apud* FRASER; BANKS, 2007, p. 20), em um de suas frases conhecidas disse que “as cores são a língua nativa do subconsciente”, inclusive, dizem que os símbolos e significados das cores mudam de acordo com cada cultura e religião, mas ainda assim podem partilhar dos mesmos significados em todo o mundo. Sustentam afirmando “conselhos superficiais sobre a psicologia da cor, encontrados até em folhetos dos fabricantes de tinta e em livros de decoração de interiores, tendem a derivar das tradições judaica, islâmica, hindu, taoísta, budista, cristão” (FRASER; BANKS, 2007, p. 20).

Para ambos os autores Fraser e Banks (2007), pelas cores serem vistas de formas parecidas por diferentes culturas antigas, é possível de perceber que de alguma forma elas tenham um valor intrínseco ou coletivo. Deste modo, estes conceitos poderiam ter vindo de acontecimentos naturais:

O vermelho é uma cor aceita para o sol, que dá a vida, mas também pode tirá-la, e é, com certeza, a cor do sangue. Na natureza, o vermelho muitas vezes significa perigo. Assim, talvez não haja necessidade da semiótica para explicar o porquê de esta cor poder tornar as pessoas ansiosas, apaixonadas ou raivosas. Diz-se que o azul - a cor do céu e do mar, vastas extensões que dão um senso de liberdade e perspectiva - acalma as pessoas. Entretanto, também se diz que é uma cor “fria” e solitária. A experiência “mais azul” deve ser sentar-se em um pequeno barco longe, no mar, contemplando o céu. Liberdade e calma, ou fria solidão? Tudo depende. (FRASER; BANKS, 2007. p 20)

Para Farina, Perez e Bastos (2007, p. 86), “os psicólogos quiseram dar um sentido mais prático quanto ao uso das cores em definidas peças de propaganda, desde o anúncio a cores para urna revista, cartaz ou painel, até [...] do cinema”. Usaram palavras como “quentes” e “frias” para dar sentido a algumas formas dos usos das cores. Para os três autores as cores quentes são “as cores que integram o vermelho, a laranja e pequena parte do amarelo e do roxo [...] parecem nos dar uma sensação de proximidade, calor, densidade, opacidade, segura, além de serem estimulantes.” Já em contrapartida, as cores frias são “as que integram grande parte do amarelo e do roxo, o verde e o azul [...] parecem distantes, leves, transparentes, úmidas, aéreas, e são calmantes”. No seu livro, Guimarães (2000, p. 97) cita

que um dos aspectos mais importantes sobre a arte é que ela pode ter inúmeras interpretações, tal qual como a cor, “entretanto, é possível obter-se uma significação precisa para determinada cor em determinado texto cultural”.

Farina, Perez e Bastos (2007, p. 86 e 87) reiteram a respeito dos estímulos causados que uma mesma cor pode causar, ou advir, muitas vezes do emprego que ela quer fazer. Independente se o sujeito pensa consciente ou inocentemente em determinada cor, no que concerne a sua utilização, é evidente que a resposta ao estímulo, não seja por causa da cor, mas por sua função sobre algo. Costumes sociais são as causas que influenciam na escolha das cores. Por exemplo, em algumas culturas, é comum distinguir as roupas das mulheres mais velhas das mais jovens pela cor. Isso também pode ser visto pela diferença de gênero. Diante disso, é possível reparar as mudanças que aconteceram recentemente e concluir que, na cultura ocidental atual, as diferenças de gênero inclinam às práticas sociais, o que é um dos fatores que podemos apontar. A mudança é uma invasão da cor da moda masculina, que não era reservada à feminina até recentemente.

Ainda, Farina, Perez e Bastos (2006, p. 87) asseguram que “derivando de hábitos sociais estabelecidos durante longo espaço de tempo, fixam-se atitudes psicológicas que orientam inconscientemente inclinações individuais”. Guimarães (2000, p. 98), explica um estudo que foi feito por antropólogos e psicólogos, da North-Western University, Columbia University e State University of Iowa, de 1956 a 1966, que demonstrava uma análise sobre a influência da cultura na percepção visual. O estudo feito por estes pesquisadores indagava se esse processo de conhecimento que ocorre com os indivíduos poderia ser afetado pela cultura. Guimarães questiona “pode um mesmo estímulo parecer diferente para diferentes povos simplesmente porque eles são membros de diferentes culturas?” (SEGALL 1966, p. 3 *apud* GUIMARÃES, 2000, p. 98).

Como já mencionado, a sociedade criou diversas formas de tradição de representação e essas representações mudam de cultura para cultura, da geografia e tecnologias, como afirmava Fraser e Banks (2007).

Fraser e Banks (2007, p. 14) acreditam que no islamismo, as cores transcendem a natureza física, pois dizem que as mesmas são caracterizadas pela ideia da luz e escuridão e que as duas resumem o que há de mais importante no universo. Na cultura, o número 7 é tido como sagrado, porque ele condiz com a quantidade de cores inseridas na paleta da cultura islâmica, que é constituída de “de três níveis, com dois arranjos das sete cores básicas e mais um conjunto de 28”.

No primeiro nível, a título de exemplo, têm-se as cores que existem no mundo. O preto, significa algo que é oculto, o pau-sândalo, é conhecido como a sua neutralidade referindo-se à todas as cores da natureza. Já, um outro grupo, contém 4 cores: verde, amarelo, azul e vermelho e são relacionadas, cada uma, às quatro substancias que compõe o universo físico (água, ar, terra e fogo): “verde é água, amarelo é ar, azul é terra e vermelho é fogo”.

É possível perceber que essas cores e seus significados dizem muito sobre o simbolismo comercial de hoje em dia, tal como a água representa o azul, também podendo ser relacionada com o ar, ao mesmo tempo que a terra é associada com a cor laranja e verde.

Até então, os autores, citam que, cada cultura tem sua própria paleta de cores e seus significados, fazendo, regularmente, analogias com expressões de fé e adoração. Por exemplo, os figurinos da igreja católica, têm um grande peso litúrgico quando se faz referência às cores. Fraser e Banks afirmam (2007, p. 14) que “embora este uso da cor se tenha desenvolvido durante muitos séculos, foi formalizado por decretos que alocaram, mais ou menos arbitrariamente, conotações a cada matiz”.

Ainda, citando Fraser e Banks (2007), as cores são capazes de transpassar uma enorme simbologia, pois podem indicar e dar ênfase em temas ou personagens, igual como é na publicidade, onde as mesmas esforçam-se para provocar respostas emocionais. Quando o público assiste a filmes, seriados e novelas, nunca de fato percebem os estímulos que são causados pelas cores, visto que, tudo acontece de forma inconsciente. Por isso, há tantas informações na internet explicando a como analisar determinadas cenas. De acordo com Fraser e Banks (2007, p. 15), “mesmo sem aceitar que as associações de cor são fixas, podemos argumentar que ligar repetidamente uma cor a um personagem ou a um tipo de evento numa narrativa criará conexões na mente do espectador”. Para os autores a cor vermelha é uma das mais utilizadas e regularmente faz correlação com assuntos de paixão, obsessão e desejo. Já no caso do verde, as marcas o utilizam muito pouco e, várias vezes é usado em filmes para simbolizar a inveja, a dificuldade e o desconforto.

Abaixo, é possível verificar o quadro de significados conotativos das cores, exemplificado por Farina, Peres e Bastos (2006, p. 87), que tem origem no comportamento social que se firmou ao longo dos anos, orientada de forma inconsciente por cada indivíduo:

Quadro 1-Significados conotativos.

<b>Sensações visuais</b>	<b>Objeto</b>	<b>Significado</b>
Branco	Vestido de noiva	Pureza
Preto	Noite	Negativo
Cinza	Manchas imprecisas	Tristeza, coisas amorfas
Vermelho	Sangue	Calor, dinamismo, ação, excitação
Rosa	Enxoval de bebê (menina)	Graça, ternura
Azul	Enxoval de bebê (menino)	Pureza, fé, honradez

Fonte: (FARINA, PEREZ E BASTOS, 2006, p. 87).

É impossível falar da psicologia das cores sem citar a teoria das cores, criada e atribuída em 1810, por Goethe – poeta, escritor e teatrólogo. Para Moreno (2020), o escritor e poeta foi contra a teoria de Newton referente às cores, quando apresentou ideias que a cor não se baseava em avaliações científicas, mas sim, em uma experiência de consciência individual. Goethe criou o que hoje conhecemos de círculo cromático, ordenou as cores em volta da esfera e chamou isso de a ordem natural, com isso, descobriu a consequência das cores nos sentimentos e acabou atribuindo características diferentes às determinadas cores.

Na roda criada por Goeth, o amarelo é como a cor mais próxima da luz, era brilhante e excitante. Moreno (2020) continua, “o vermelho significa gravidade, dignidade e atratividade ou beleza. O azul, por outro lado, era poderoso, mas de uma forma ligeiramente negativa – criando uma impressão fria”. Para Moreno, Newton estava certo em suas pesquisas quando alegou que a cor era uma experiência diferente para cada indivíduo enquanto Goeth focava suas energias para o estudo das artes e filosofia. Para Fraser e Banks (2007, p. 48), apesar de o intuito de Goeth fosse diminuir a confusão sobre o uso da cor da arte, dizem que ele “recorreu à linguagem e conceitos idiossincráticos ao expor suas ideias, aludindo a “efeitos sensuais-morais”, privação e poder. Embora, sempre estudando a cor sob o olhar humano no lugar da física e química, ainda ocupou um espaço muito maior que o de Newton quando estudou o contraste, imagem residual, a cor das sombras e o resultado da luz nos objetos e, por fim, constatou que as cores se comunicam com os estados emocionais das

pessoas. Conforme Fraser e Banks (2007, p. 48) Goeth “também formulou proporções das forças de diferentes matizes para permitir que fossem combinados em proporção visual igual. Artistas e designers ainda se referem largamente a seus princípios”.

### 2.3 Associações das cores

Embora as cores funcionem de maneira individual, seus efeitos são universais e não é por acaso que isso acontece, pois por trás de cada cor e seu uso, existem associações materiais e psicológicas.

“Em um ambiente azul, as pessoas ficam mais quietas e passivas, é uma cor para ajudar a fluir os pensamentos, mas não para agir” (BELLANTONI, 2005, p. 116, tradução nossa)<sup>3</sup>, em contrapartida, para Heller (2013, p. 43), azul é a cor da simpatia, harmonia e fidelidade, embora também fria e distante. Heller também expõe sua concepção sobre o azul dizendo que a cor remete aos deuses que moram no céu, dito isso Farina, Perez e Bastos (2006, p. 102) concordam com Heller citando “o céu é azul e por isso o azul é a cor do divino, a cor do eterno. A experiência continuada converteu a cor azul na cor de tudo que desejamos que permaneça, de tudo que deve durar eternamente”. Seguindo isso, Heller (2013) continua a mencionar que azul é a cor de Nossa Senhora. Para Fraser e Banks (2007) azul é “inteligência, comunicação confiança, eficiência, serenidade, dever, lógica, frescor, reflexão” como “frieza, altivez falta de emoção, antipatia.” Por fim, segundo Farina, Perez e Bastos (2006), para se referir a origens nobres, utilizamos a cor azul, uma famosa expressão que sustenta essa ideia é a “sangue azul”, como sinal de nobreza.

Ainda para Bellantoni (2005), o vermelho chama atenção e costumamos ver primeiro do que outras cores. Pode estimular a libido ou deixar alguém agressivo, ansioso ou compulsivo e tem o poder de despertar paixões. Dependendo da narrativa da história, o vermelho empodera o mocinho ou o vilão. Significa sangue, fogo e é ligada aos princípios da vida. Segundo Farina, Perez e Bastos (2006, p. 99), “na cultura cristã, o vermelho de sangue tomado positivamente é o que dá vida, que purifica e santifica. É o vermelho do Salvador, o que ele derramou na cruz para a salvação dos homens. É signo de força, de energia, de redenção”. Conforme Fraser e Banks (2007, p. 49) “a cor vermelha é coragem física, força,

---

<sup>3</sup> Versão original da tradução livre do autor: “[...] in a blue environment, people become passive and introspective. It’s a color to think to, but not react.”

calor, energia, sobrevivência básica, lute ou fuja, estimulação, masculinidade, agitação”. Mas também é “desafio, agressão, impacto visual, tensão”.

Para Fraser e Banks (2007, p. 49) os aspectos positivos do verde são “a harmonia, equilíbrio, frescor, amor universal, repouso, restauração, reconforto, consciência ambiental, equilíbrio, paz.” E o aspecto negativo é o “tédio, estagnação, desinteresse, abatimento”, em complemento Farina, Perez e Bastos (2006) sugere que o verde é descanso e relaxamento, também indica “Sugere umidade, calma, frescor, esperança, amizade e equilíbrio. Além de todas as conexões com a Ecologia e a natureza”. De acordo com Pedrosa (2009), o verde lembra a esperança, pelo mesmo motivo que a toga dos médicos, logo, Heller (2013, p. 203) completa afirmando que a cor age de modo que acalma e passa segurança, além do mais adentrando a liturgia, o verde se refere ao cotidiano onde é “uma cor dos dias em que não se celebra nem comemora nada em particular”.

A cor amarela para Heller (2013, p. 159) representa otimismo, como também, irritação, hipocrisia e inveja, e segue dizendo e segue dizendo “ele é a cor da iluminação, do entendimento; mas é também a cor dos desprezados e dos traidores. É assim, extremamente ambígua, a cor amarela.” Os autores Farina, Perez e Bastos (2006) acrescentam dizendo que o amarelo se refere à alegria, espontaneidade, ação, poder, dinamismo, impulsividade.

De acordo com Pedrosa (KANDINSKY, 1954, d. 70,71 *apud* PEDROSA, 2009, p. 132) que “não é sem razão que o branco é o ornamento da alegria e da pureza sem mancha, e o preto o do luto, da aflição profunda, símbolo da morte”. E segundo Fraser e Banks (2007, p. 49), a cor preta pode significar “sofisticação, glamour, segurança, segurança emocional, eficiência, substância”, mas também “pressão, frieza, ameaça, angústia”.

Heller (2013, p. 472) faz uma amostra da cor marrom quando diz que na teoria marrom não é uma cor, mas sim uma mistura de cores. Contudo, continua com o argumento de que para uma definição psicológica, o marrom sem dúvidas é uma cor “[...] A maioria dos conceitos encarados como “tipicamente marrons” são empregados de maneira negativa. Eis aí o sombrio passado político da cor marrom. O marrom é tido também como feio e vulgar. É a cor da preguiça e da imbecilidade”. Na opinião de Fraser e Banks (2007) o marrom no meio cristão é tido como símbolo de pobreza honrada, ou seja, pode simbolizar honestidade, ainda para os autores Fraser e Banks (2007, p. 49) a cor tem um lado positivo e outro negativo, dizem sobre o positivo: “seriedade, calor, natureza, naturalidade, contabilidade, apoio. E para o negativo: “falta de humor, angústia, falta de sofisticação”. Segundo Heller (2013, p. 484) o marrom faz alusão ao nacionalismo alemão, “O marrom corporifica todos os ideais do

nacional-socialismo: é uma cor da brutalidade, do conservadorismo e da virilidade”, também insinua ao aconchego e a sensação de estar em segurança.

A tabela a seguir foi criada com o embasamento teórico no livro de Farina, Perez e Bastos (2006), em seu A Psicodinâmica Das Cores Em Comunicação. Na tabela pode-se entender de forma resumida melhor sobre as demais cores:

Tabela 1 – Cores e suas associações

<b>Cor</b>	<b>Associação material</b>	<b>Associação emocional</b>
Azul	Montanhas longínquas, frio, mar, céu, gelo, feminilidade, águas tranquilas.	Espaço, viagem, verdade, sentido, afeto, intelectualidade, paz, advertência, precaução, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo.
Vermelho	Rubi, cereja, guerra, lugar, sinal de parada, perigo, vida, Sol, fogo, chama, sangue, combate, lábios, mulher, feridas, rochas vermelhas, conquista, masculinidade.	Dinamismo, força, baixeza, energia, revolta, movimento, barbarismo, coragem, furor, esplendor, intensidade, paixão, vulgaridade, poderio, vigor, glória, calor, violência, dureza, excitação, ira, interdição, emoção, ação, agressividade, alegria comunicativa, extroversão, sensualidade.
Verde	Umidade, frescor, diafaneidade, primavera, bosque, águas claras, folhagem, tapete de jogos, mar, verão, planície, natureza.	Adolescência, bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberalidade, tolerância, ciúme.
Violeta	Enterro, alquimia.	Engano, miséria, calma, dignidade, autocontrole, violência, furto, agressão.
Amarelo	Flores grandes, terra argilosa, palha, luz, topázio, verão, limão, chinês, calor de luz solar.	Iluminação, conforto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo, inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, variabilidade, euforia, originalidade, expectativa.
Preto	Sujeira, sombra, enterro, funeral, noite, carvão, fumaça, condolência, morto, fim, coisas escondidas - obscuras.	Mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, friidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga.
Branco	Batismo, casamento, cisne, lírio, primeira-comunhão, neve, nuvens em tempo claro, areia clara, leite.	Ordem, simplicidade, limpeza, bem, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, pureza, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade.

Marrom	Terra, águas lamacentas, outono, doença, sensualidade, desconforto.	Pesar, melancolia, resistência, vigor.
Cinza	Pó, chuva, ratos, neblina, máquinas, mar sob tempestade, cimento - edificações.	Tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, carência vital.

Fonte: criado pela autora.

Dessa maneira, é possível perceber que o uso das cores nunca é por acaso, porque cada uma tem sua simbologia e significados, mesmo quando passam despercebido pelo indivíduo. É importante estarmos atentos e abertos à diversas interpretações pois mudam de conforme a cultura e crenças.

### 3 As cores na moda e religião

Para Pina (2009), a moda atualmente é uma forma de necessidade para que o indivíduo manifeste suas opiniões, ideias e pensamentos, que compreenda a sua própria existência que acontece quando usa uma roupa que se identifica e se sinta confortável e seguro. Ainda sugere que o ato de se vestir é uma maneira de propagar nossas emoções e jeitos de pensar, mas que também é uma prática de nos diferenciar dos demais ou se encaixar em certo tipo de grupo ou classe social.

A palavra moda vem do latim e significa *modus* e, segundo o site Significados (2021), quer dizer “maneira ou costume mais predominante em um determinado grupo em um determinado momento”. Mas, afinal, o que é moda? Para entender melhor sobre o conceito de moda e responder à essa pergunta Erika Palomino (2003), em seu livro *A Moda*, explica que o usar das roupas no cotidiano é acompanhada de uma história política, social e sociológica, por isso, entende-se que a moda vai além da roupa ou “estar na moda”, visto que, ela pode ser enxergada a todo tempo e em qualquer situação.

Em concordância, Palomino (2003, p. 4) exemplifica: “no look de um punk, de um skatista e de um pop star, nas passarelas do Brasil e do mundo, nas revistas e até mesmo no terno que veste um político ou no vestido da sua avó”. Complementando, Garcia (SAHLINS, 2003. p. 194 *apud* GARCIA, 2018, p. 301), diz que “o modo como as pessoas se vestem é um problema semiótico muito mais complexo do que aquele que podemos tentar resolver aqui, pois inclui a consciência ou as autopercepções particulares do sujeito num 'contexto situacional' de significado específico”. É improvável que se consiga compreender a

moda sem imaginar o seu desenvolvimento, pois, percebendo a forma como as pessoas se vestiam nos anos 70, em seguida nos anos 80 e depois nos 90 são extremamente diferentes e, o que há de diferente e de mudanças nesses estilos é o que denominamos de moda. Através dessas transições compreendemos um grupo, país ou algum período do mundo, uma vez que a moda é o espelho das sociedades.

Palomino (2003) acredita que nos dias de hoje todos conhecem a moda de um sistema de uma esfera de desfiles e tendências, só que nem sempre foi assim, a moda existe há muitas décadas. A concepção de moda se manifestou no final da Idade Média - no século 15 - logo no início da época Renascentista, na corte de Borgonha, com a evolução das cidades e com a estrutura da sociedade das cortes. De acordo com Palomino:

A aproximação das pessoas na área urbana levou ao desejo de imitar: enriquecidos pelo comércio, os burgueses passaram a copiar as roupas dos nobres. Ao tentarem variar suas roupas para diferenciar-se dos burgueses, os nobres fizeram funcionar a engrenagem — os burgueses copiavam, os nobres inventam algo novo, e assim por diante. Desde seu aparecimento, a moda trazia em si o caráter estratificador (PALOMINO, 2003, p. 4).

Com o tempo, na medida em que a moda caminhava para uma grande aceleração nas transformações do vestuário, foram se destacando algumas prioridades de diferenciação e, então, a moda teve que deixar essas diferenças mais notórias, percorrendo pelas camadas sociais: classe alta, classe média e classe baixa, passando a suprir a urgência de afirmação pessoal, a evidenciar alguém dentro de um grupo e, da mesma forma, expor ideias e sentimentos.

Foi também, neste período do século XIX que começou a separação entre tecidos usados por homens e mulheres para começar assim, a focar no desenvolvimento da moda feminina. Palomino (2003) ainda cita que a expressão “estar na moda” remete a uma classe elitizada (econômica, social e cultural), portanto, essa forma de reflexão coletiva deixa invisível no pensamento que possa existir também outros tipos de moda: a dos guetos, dos nichos, alternativa, de protesto, litúrgicas e etc. Sendo assim, quando a moda começou a se destacar nos nichos dentro de uma sociedade e cultura, o consumismo foi tendo uma ascendência importante para que a moda começasse a ter relevância no mundo. De acordo com Lipovetsky (1987, p. 154), o que motivou a expansão da moda foi o estímulo científico associado ao sistema da concorrência econômica, pois junto com o desejo de lucrar, as indústrias produzem cada vez mais produtos e inovam para ter a sua parcela de participação no mercado com o objetivo de conquistar clientes e incentivar o consumo. Lipovetsky faz o seguinte questionamento em decorrência do desejo pelo consumo da moda “por que as

inumeráveis pequenas novidades agem sobre os consumidores, o que faz com que sejam aceitas pelo mercado?” e responde afirmando que o que dá voz a esse desejo é a concorrência de classe e a diferenciação social que auxiliam nessa prática da oferta.

Conforme Pina (2009) durante todo esse tempo, a razão do aumento do consumismo é uma causa social, no qual todas as faixas etárias fazem parte, onde o que importa é ter, adquirir e comprar, seja na moda ou em qualquer artigo de consumo. Porém, ainda para Pina, focando na psicologia, a união das cores na moda nos atrai e traz equilíbrio e por diversas razões isso acontece, uma delas é que a globalização e a existência de diversas culturas em um mesmo lugar fizeram com que acontecesse muitas transformações no jeito de usar as cores.

Dito isso, Pina (2009, p. 44) alega que “as cores deverão ser sempre usadas tendo em atenção as orientações e tendências da Moda, mas também o momento do dia e a atividade que se desenvolve: a elegância e o bem-estar geral advêm desse mesmo equilíbrio, sendo a cor parte integrante”. Ou seja, independente da ocasião ou do jeito de se vestir, estaremos sempre sendo influenciados pelas cores através das tendências.

As cores são elementos que involuntariamente expressam inúmeros simbolismos e sensações. A moda é sinônimo de cor, as duas sempre estarão acompanhadas. O que irá fazer o consumidor escolher qual tipo ou peça de roupa usar vai ser suas emoções e sensibilidade, que coloca significados em tudo que o cerca. Por esse motivo, muitas pessoas escolhem vestir peças de acordo com o seu temperamento, humor e disposição emocional. Fugel (1989 *apud* PINA, 2009, p. 51) acredita que a peça de roupa estar na moda ou não, define o valor e desejo pelo produto vinculado à compra. Bohdanowicz e Clamp (1994 *apud* PINA, 2009, p. 51) ainda complementam que “as pessoas podem ser levadas a adquirir um determinado produto com a cor da moda, mas também elas têm os seus gostos pessoais e os seus interesses que vão de certo modo interferir na escolha”.

Com o intuito de entender mais sobre as cores e os tipos de vestes, Inham (BRAGA, 2011, p. 17 *apud* INHAM, 2015) cita explicação de Braga sobre o processo de evolução das roupas que começou por folhagens e depois para peles, com a finalidade tanto para esconder o corpo da nudez quanto para proteção durante a caça e, também, devido ao clima, etc. Como já mencionado anteriormente as roupas e acessórios evoluíram conforme a sociedade foi mudando, vindo a ter caráter social. Os povos começaram ser distinguidos por grupos a partir de cores, adornos e tipos de roupa.

Na visão de Inham:

A indumentária também alcançou o caráter religioso, sendo diferenciado para os líderes religiosos. O que ainda acontece nos dias atuais em algumas religiões: vestes regadas de simbolismo e devoção a Deus. São diversas formas para conectar o crente com a entidade de sua devoção, cada qual com sua forma pessoal (BRAGA, 2011 *apud* INHAM, 2015, p. 16).

Dessa forma, é interessante refletir que pessoas que não fazem parte deste universo religioso, essa forma de se vestir não tem significado nenhum. Portanto, para aqueles que vivem o cristianismo, as vestes provocam sentimentos no fundo da alma, as motivam e revelam uma vida de serviço à religião.

De acordo com Almeida e Almeida (2020), uma das formas de colaborar para evocar essa conexão com o divino são as cores, que acabam trazendo diversas definições também para a cultura cristã, onde cada cor trabalha para expressar um ou vários sentidos conforme o contexto. Na bíblia determinada cor insinua algum traço de Deus. De forma resumida, os autores dão os seguintes exemplos das principais cores, começando pelo branco, que remete ao linho fino, simbolizando a pureza, justiça maná, santidade, purificação e Jesus como Santo. O azul é o céu, natureza celestial de Jesus, remete ao Espírito Santo, a água e os mandamentos de Deus. A cor escarlate, conhecida como o vermelho é a salvação, amor e pecado, mostra Deus enquanto Salvador quando se sacrifica por amor. Já a cor que simboliza a misericórdia, alimento, a nova vida, florescimento, vigor, prosperidade e unção é o verde. Amarelo é celebração, alegria e luz. O cinza é súplica, lamento, arrependimento e humilhação. E por fim, o preto sugere a cor do pecado, trevas, morte e luto.

Seguindo esse pensamento Fraser e Banks (2007, p. 14) asseguram que a simbologia do cristianismo teve grande influência no modo de usar as cores, pois a igreja tornou-se um grande exemplo de tradição, permitindo usar cores para expressar alguns aspectos da fé. Os autores explicam que “já no século IV as cores eram relacionadas a períodos litúrgicos e, por volta de 1200, sistematizadas em uma paleta de preto, branco, vermelho, verde e roxo pelo papa Inocêncio III” (FRASER; BANKS, 2007, p. 14). E essas cores que são vestidas até hoje são conhecidas por nomes em latim:

O branco (*albus*) é usado no Natal, na Páscoa e em dias santos. O vermelho (*ruber*) simbolizando o sangue, em datas associadas a martírio. O verde (*viridis*) representa a vida e é usado rotineiramente, e o roxo (*violaceus*) é usado durante o Advento e a Quaresma - tempos de reflexão e penitência. O preto (*niger*) é reservado para certas missas funerárias e *in memoriam* e na Sexta-Feira Santa (FRASER; BANKS, 2007, p. 14).

Logo, podemos considerar que roupa vai além do ato de se vestir. Nos vestimos para nos sentirmos seguro, para manifestar ideias e expressar sentimentos, podendo ser uma prática para nos encaixarmos em algum grupo ou classe social. As cores também influenciam na prática do vestir, trabalhando no subconsciente do indivíduo, pois as cores para cada povo simbolizam algo diferente, neste caso a simbologia cristã é levada a sério quando falamos de cores, porque são frequentemente usadas como adoração a Deus.

#### **4 Estudo de caso – O Conto da Aia**

O Conto da Aia é um livro escrito por Margareth Atwood em 1985, mas também foi adaptada para uma série de TV, produzida pela emissora Hulu em 2017 e segue em produção de novas temporadas, podendo ser assistida em canais de *streamings*. A série acontece em um futuro distópico em meio a uma revolução teocrática totalitária religiosa regida a partir de regras provenientes da bíblia. A história se inicia nos Estados Unidos em meio a várias crises e tensões. Uma das principais crises era a climatológica e a questão da queda da taxa de natalidade, no qual poucas mulheres estavam conseguindo engravidar (ou não queriam), por esse motivo, não estavam nascendo crianças o suficiente e as que nasciam viviam apenas dias. Atribuíram isso a diversos fatores, como: métodos contraceptivos, poluição, radioatividade e doenças. Também o conservadorismo aumentava, principalmente no que dizia a respeito dos papéis de gênero. Por exemplo: mulheres teriam que cumprir o seu “papel”, que era ficar em casa cuidando dos filhos e da casa. Enquanto isso surgia um novo grupo de extremistas religiosos espalhados por todo os Estados Unidos, o Filhos de Jacob, que tinham como objetivo discutir suas ideias para arrumar o país conforme as suas ideologias conservadoras e foi então que se uniram para dominar o país e “salvar/” a humanidade do pecado. Criaram uma estrutura de sociedade que vive em um regime muito rígido.

Conseguiram invadir e casa branca e a partir de então, começaram a governar parte dos EUA. Cancelaram todas as leis que existiam na constituição do país porque queriam propor novas regras e ordens para a sociedade. Todas as contas bancárias foram congeladas e todas as mulheres foram demitidas de seus empregos, apenas os homens poderiam se movimentar livremente. O exército desse novo regime chamado de Guardiões da Fé, caçam pessoas com perfis que se encaixam nessa nova sociedade chamada de República de Gilead. Eram estudantes, mulheres férteis e as não dignas (aquelas que em determinado momento tiveram algum envolvimento extraconjugal, LGBT’s (lésbicas, gays, bissexuais e

transgêneros) que eram considerados traidores do gênero, pessoas que discordavam da ideologia, etc.

Figura 1- Mapa da República de Gilead



Fonte: Disponível em: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/gilead.html>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

A sociedade de Gilead é organizada e dividida de forma hierárquica por classe social onde todos são intitulados a determinada classe e a funções já estabelecidas. As principais classes sociais importantes para análise deste trabalho é a dos Comandantes, homens do alto escalão que governam Gilead, usam sempre terno preto. Eles cuidam das leis, da diplomacia e da política, têm direitos a ter casas luxuosas, têm direito a ter esposas e caso a família não conseguir ter filhos ainda têm o privilégio de ter uma Aia; Anjos que são soldados de níveis mais altos. No site Handmaids Brasil (sem ano) dizem: “Gilead é uma sociedade patriarcal, com apenas homens tendo acesso à educação e mantendo posições políticas. As mulheres são vistas como cidadãs de segunda classe, pois não podem ter propriedades ou ser empregadas, e devem submeter-se à autoridade dos homens”. Desse modo, todas as mulheres são proibidas de ler e escrever, a não ser as Tias.

Para Gimenes (2017), “a sociedade de Gilead passa então a separar as mulheres de acordo com as características que consideram importantes para a nova estrutura social e política. E para caracterizar essa divisão implantam o uso de uniformes diferentes para cada casta de mulheres”.

A casta principal é a das Aias, Assolini (2020), explica sobre:

As mulheres férteis são as chamadas Aias e elas se vestem com longas túnicas vermelhas e chapéus que impossibilitam olhar para os lados. As aias têm o papel de reprodutoras da sociedade e podem sair somente para fazer compras no mercado local, porém acompanhada de outra aia vizinha. Todas as aias são rebatizadas. Seus nomes são mudados de acordo com a casa do comandante a quem servem. [...] As aias têm os seus ciclos férteis monitorados e quando estão ovulando, participam de um “ritual” onde são banhadas e posteriormente levadas até o comandante e sua esposa. Numa antessala, trechos da bíblia são lidos e então todos se dirigem ao quarto onde as aias são estupradas por seus comandantes e assistidos por suas esposas. Aguarda-se o nascimento deste bebê e a esposa do comandante que será a mãe da criança. A aia poderá ficar na mesma casa e gerar mais filhos para aquele comandante e esposa ou então ser designada para outro lar onde dará filhos a uma outra família (ASSOLINI, 2020).

Sobre as castas femininas, a mais alta é a das Esposas, se vestem todas de azul. Como os comandantes, elas também usufruem de alguns privilégios, mas podem sofrer agressões físicas como punição. São permitidas a fazer apenas trabalhos específicos, como administrar as funções da casa, cuidar do jardim, fazer tricô.

As Marthas usam verde, trabalham como empregadas domésticas e babas nas casas dos comandantes e esposas ou para as famílias ricas, não são casadas, em sua maioria são mulheres que já passaram da fase fértil e não podem ter relações sexuais.

A casta das Tias usa roupas da cor marrom, elas têm uma fidelidade imensa o regime de Gileade. Como já mencionado, elas podem ler e escrever, e são responsáveis por completo pelas Aias, as treinam, monitoram e também as punem quando alguma Aia age de forma radical ou fora das leis da república.

E, por fim, Assolini (2020) diz que “a série, leva ao extremo visual dos conceitos de mutilação de direitos e expressão [...] O amor pelo poder levado às últimas consequências por aqueles que o detêm. A subjugação de seus semelhantes pela força justificado apenas pelas diferenças sociais, físicas ou de gênero”.

#### **4.1 Análise das cores e roupas em O Conto da Aia**

A análise deste artigo tem como finalidade compreender como as cores das roupas das mulheres das principais castas – Esposas, Marthas, Tias e Aias - interferem na narrativa da série O Conto da Aia, pois como visto anteriormente, cada cor é responsável por transparecer significados e sentidos (a partir de contextos sociológicos e culturais) e nesse caso as cores das roupas também proporcionam sensações no telespectador quando assistido. Diante disso, Farina e Banks (2007) relatam que o emprego de cores nos figurinos tem como

objetivo proporcionar destaques aos personagens de filmes, séries e novelas criando respostas e estímulos emocionais subliminares, sendo assim, é possível criar conexões com a cor de um personagem junto a narrativa da história. Logo, estas conexões são extremamente importantes para que o espectador consiga assistir e interpretar a história de forma que a mente receba estímulos.

Para que seja mais fácil a compreensão sobre a análise a seguir é preciso levar em consideração o que Fraser e Banks (2007) falam sobre o conjunto de cores de cada cultura onde geralmente fazem menções à fé e adoração, um exemplo que dão é sobre a importância das cores nos trajes da igreja católica.

Jacob (2017) diz que a paleta de cores da série é dos é um dos tópicos mais importantes para a construção da concepção visual da obra (iluminação, enquadramento...) e que foi marcado figurino dos personagens, onde cada um é determinado por uma cor, porém, complementa “contudo, não são as versões puras das tonalidades que tomam conta das vestimentas de cada personagem, e sim uma mais fechada e sombria, para enaltecer a imagem de distopia social”. Jacob diz sobre o figurino:

Por desejo da figurinista de não datar a série, as peças têm ares clássicos, com elegância suprema, mesmo a pessoa não sendo da elite. Vestidos intermináveis em azul esverdeado compõem o guarda-roupa de Serena Joy, por exemplo, em diferentes cortes e opções de tecido, mas nunca de cores diferente. A sensação de padronização da sociedade se dá, também, pelo vestuário. *The Handmaid's Tale* vai muito além do entretenimento, ultrapassa os questionamentos políticos e sociais e se afirma como um grande ícone visual, construído da melhor forma possível (JACOB, 2017).

Porém, além de clássicos eles são simples, pesados, longos sem ajustes no corpo para que não mostre as curvaturas dos corpos das mulheres. Na série, para Assunção e Campello (2016) “retrata uma sociedade segregada, as roupas impostas às personagens são signos de distinção social, de supressão de identidades, de dominação, de opressão, de homogeneização das mulheres, mas, quando as roupas são rejeitadas, significam resistência”. Ainda mencionam a fala de um comandante às mulheres: “Exijo que as mulheres se vistam com recato, diz. Com pudor e sobriedade [...] Que a mulher aprenda em silêncio, na mais completa submissão” (ATWOOD, 1985, p. 236 *apud* ASSUNÇÃO; CAMPELLO, 2016).

O motivo principal pelo uso da cor vermelha nas vestes das Aias é sua proximidade com o tom do sangue, principalmente o menstrual, pois menstruar significa fertilidade, logo, as Aias são vistas na sociedade utópica como mulheres que possuem capacidade reprodutiva, sendo encarregadas por gerar filhos aos comandantes e suas esposas.

Figura 2- As Aias



Fonte: Disponível em: <<http://farofageek.com.br/series/the-handmaids-tale-serie-chocante-foi-a-melhor-de-2017>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Outro possível motivo pela escolha do vermelho para criação dos trajes é visto que elas não podem ser perdidas de vista, devem estar sendo sempre observadas, desta forma, para Bellantoni (2005), a cor vermelha é que vemos primeiro e nos desperta mais atenção.

Além disso, a utilização da coloração vermelha nas vestes das Aias pode transmitir de maneira indireta o desejo e repulsa simultaneamente, pois, segundo Farina, Perez e Bastos (2006) uma mesma cor pode causar vários estímulos inconscientes no que se refere ao seu uso e sobre sua função. Nesse caso, o aspecto de desejo é quando os comandantes as têm como amantes e a repulsa é o que as esposas sentem pelas Aias por oferecerem algo que elas não podem, que é gerar filhos.

Para Farina, Perez e Bastos (2006) dizem que na religião e na cultura cristã, a bíblia mostra o vermelho indicando Jesus como Salvador, que se sacrificou para salvar os homens entretanto, este contexto na série foi empregado nas Aias, pois são vistas como salvação desse novo mundo, as que dão início à vida. Em um ambiente onde todas as mulheres sofrem opressão de gênero, tem uma associação afetiva que representa coragem.

Durante a série o Conto da Aia a cor azul dos vestidos das esposas pode ser visto em diversos tons com diversas interpretações, porém, no geral o azul é ligado à imagens cristãs, principalmente em referência a Virgem Maria, podemos entender melhor essa ideia quando Heller (2013) cita que o azul refere-se aos deuses que vivem no céu, seguindo nesse contexto, Farina, Perez e Bastos (2006) concordam quando remetem a cor azul ao céu, fazendo conexão com a cor do divino e do eterno e, finalizando novamente com Heller (2013) afirmando que a cor azul faz reverência a Nossa Senhora (Virgem Maria).

Os autores Farina, Perez e Bastos (2006) acreditam que o azul pode significar sentimento de vazio e distância, já Fraser e Banks (2007) dizem ser uma cor fria e solitária desse modo, podemos perceber na série que as esposas usufruem dos status de serem mulheres dos comandantes com sofisticação, mas dificilmente recebem carinho dos maridos e pelo resultado das regras, no qual o sexo é visto apenas como procriação, os comandantes se envolvem mais com a Aias do que as esposas, e desse a vida das esposas passa a ser distante da realidade.

Figura 3 - Esposas



Fonte: Disponível em: <<https://www.thecultureconcept.com/the-handmaids-tale-fear-is-how-democracies-fail-and-fall>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

De acordo com os autores Farina, Perez e Bastos (2006) a cor azul faz menção a algo nobre, sendo assim, a cor ao ser utilizada por esposas traz sinal de poder, ainda mais por pertencerem à alta sociedade de Gilead.

A maioria das esposas são frias e não demonstram muito sentimentos justamente por causa do sistema opressivo que vivem, porém, algumas expressam um certo tipo compaixão com determinadas castas abaixo delas, como com as Aias e algumas Marthas, que para Farina, Perez e Bastos (2006), uma das associações emocionais do azul é o afeto, amor e sentimento profundo. Uma vez que sabem o quanto sofrem por estarem vivendo em um mundo sem liberdade de expressão, nesse caso, o azul traduz passividade, no qual é uma cor para ajudar a pensar e não para a agir, segundo Bellantoni (2005).

Em Gilead, as Marthas utilizam verde na confecção de suas vestes que eram mais simples fisicamente do que as das esposas e aias, por este motivo, Pina (2009) comenta que a

forma de se vestir propiciar a propagação de emoções, dado que, a forma de usar as roupas ajuda também a nos separar dos demais e até mesmo se inserir em alguma classe social. Como elas são as governantas da casa dos comandantes, estão sempre responsáveis em organizar tudo. Cozinham, limpam e cuidam de todos, por esse motivo, o uso do verde em seu figurino pode remeter a roupas de enfermeira e médicos, como diz Pedrosa (2009) citando a cor verde à esperança, do mesmo modo que os médicos usam toga. Heller (2013) complementa dizendo que a cor verde acalma e traz segurança e, neste caso das Marthas, onde, de alguma forma, acabam tendo uma vida monótona, o verde pode representar a cor que em determinado dia não se comemora nada. De acordo com Farina, Perez e Bastos (2006), as associações com a cor verde podem ser: saúde, natureza.

As Marthas têm uma rede interna que conversam em segredo ajudando umas às outras, neste caso o verde pode representar, coragem e esperança, como mencionado por Farina, Perez e Bastos (2006). Visto que elas também têm o seu lado de compaixão e restauração, da forma que sugere Fraser e Banks (2006), quando em inúmeras oportunidades ajudaram as Aias, pois foi justamente por causa das Marthas que June conseguiu fazer com que o seu bebe saísse de Gilead e chegasse ao Canadá.

Figura 4 - Marthas



Fonte: Disponível em: < <https://www.planocritico.com/critica-the-handmaids-tale-3x02-mary-and-martha/>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Por outro lado, para Fraser e Banks (2007) o verde nas roupas das Marthas também pode representar algo negativo, como tédio, desinteresse e estagnação pela rotina que exercem como governantas todos os dias.

Entre as castas femininas, as Tias são as mulheres mais velhas, nas quais estão em maior posição de poder, prestígio e respeito e, é o único grupo de mulheres que podem ler. Elas vestem marrom, portanto, para Farina, Perez e Bastos (2006), o marrom pode representar resistência e vigor. As Tias são mulheres fanáticas pelo regime de Gilead, ou seja, elas acreditam em tudo que é pregado pelo regime e aceitam viver em uma sociedade controlada por ensinamentos da bíblia, pois acreditam no seu propósito de estarem sendo uteis para o repovoamento, portanto, o papel das Tias é manter a ordem e desempenhar seu trabalho no Centro Vermelho, um local onde usam ensinar e doutrinar as Aias para que elas executem os seus papéis com competência, para isso Heller (2013) justifica definição alegando que o marrom traduz ideologias nacionais e nacionalistas, logo, a cor também representa brutalidade, conservadorismo e virilidade, passando autoridade de certa forma e para Fraser e Banks (2007) simboliza honestidade, visto que, para poderem exercer seus cargos é necessário lealdade, pois os governantes da República confiam nelas para manterem o regime em ordem.

As Tias são brutais com a educação das Aias. Um dos exemplos a ser citado foi quando Tia Lydia contribui para que uma das Aias, a Emily, fosse descoberta por ser uma traidora de gênero (homossexual) e a penalidade, então, era ela sofrer uma mutilação genital, deixando-a sem clitóris.

Figura 5 - Tias



Fonte: Disponível em: <<https://popoca.com.br/the-handmaids-tale-semelhancas-entre-gilead-e-o-brasil/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

As Tias sempre as punem quando é preciso, mas embora, em meio a tantas atitudes horríveis, sentem um certo tipo de empatia pelas Aias, pois entendem que estão ali para cuidá-las e, qualquer tipo de ação, justificam que é para o bem das mesmas, por isso, parecem ter um relação abusiva onde as maltratam e depois querem as acolher. Diante disso, para Heller (2013), a cor marrom pode configurar aconchego e a sensação de estar em segurança, isso também pode explicar de forma inconsciente o que as Tias simbolizam dentro da sociedade.

Desta maneira, a partir do modo como as cores das roupas são usadas na narrativa da série, Fraser e Banks (2007) acreditam que a cultura cristã tem certa autoridade ao usar as cores, pois suas simbologias remetem a cores que expressam fé e adoração. Porém, por outro lado, as cores também representam as personalidades das personagens e contribuem para um maior entendimento da história.

## **5 Considerações finais**

Através do que foi mostrado e analisado até agora, podemos entender que a utilização da teoria das cores para a criação dos personagens acontece para que o telespectador consiga, de forma subliminar, interpretar a narrativa da trama, visto que as vestes são símbolos que comunicam e agem como questões relacionadas à identidade e de classes sociais (condição financeira, acesso à cultura, escolaridade, etc) e, também, que contribuem para os aspectos de discriminação, principalmente quando se faz alusão às mulheres. Portanto, as características (cor, tipo de vestimenta) das roupas fazem jus às personalidades e valores das mulheres analisadas, dessa forma, consideramos, a teoria das cores, um aspecto importante para a interpretação da história de cada personagem dentro da sociedade distópica e totalitária.

Conforme vimos, as cores têm suas particularidades e vão além da interpretação racional do indivíduo, concluímos que ela se faz presente de diversas formas em nosso dia-a-dia, seja em expressões artísticas ou em organizações sociais, políticas ou religiosas. Por este motivo, as cores têm formas distintas de interpretações, pois nos afetam em nossas emoções e em nossos comportamentos. Diante disso, a moda vestida no cotidiano, usufrui de ideias seguida de um contexto histórico político e social, onde, é possível entender as vivências, experiências. ou seja, o contexto situacional do sujeito e, todos esses fatores quando se conectam com as cores, podem nos ajudar ainda mais a compreender e interpretar situações dos personagens da série.

Em razão disso, somos capazes de compreender como as cores interferem no entendimento da análise das castas das Aias, Esposa, Marthas e Tias, fazendo com que fosse possível a partir das paletas de cores das vestimentas entender melhor sobre a participação das castas na sociedade de Gilead. Pois, embora as teorias não sejam complexas, ainda assim nos mostram e nos estimulam diferentemente de cada um.

A compreensão sobre moda dentro da narrativa da história de Atwood demonstra a importância do nosso senso crítico sobre o mundo, porém, pelas roupas e cores das castas analisadas, percebemos a relação de poder daquelas que as usam, porque por ser um mecanismo de identificação perante à sociedade, elas usam as vestes com a finalidade de exercer o papel daquilo que as foi designado. Segundo Jacob (2017) a padronização nas roupas é um ato que vai além das problemáticas políticas e sociais, pois as roupas sem caimento, simples e vestidos longos demonstram um certo tipo de opressão, onde o objetivo é desvalorizar o poder das mulheres.

As cores na narrativa da série têm grande importância na história, uma vez que a Gilead é uma república com regime teocrático. A casta das Esposas, Aias e Marthas, onde, respectivamente, usam azul, vermelho e verde, fazem o uso das cores em seus uniformes também por simbologia de adoração a fé e de caricaturas cristãs, por exemplo: a cor azul das esposas faz alusão à Virgem Maria que significa que são pessoas divinas perante à sociedade. Já a cor vermelha remete ao sangue de Cristo, aquele que morreu na cruz para salvar a humanidade, assim são vistas as Aias: como salvadoras. E a cor verde das vestes das Marthas é relacionada ao verde litúrgico que representa a vida.

Portanto, concluímos que a distopia da série faz uma reflexão social e utilizam as roupas como símbolos para exemplificar o abuso de poder, machismo, invisibilidade de gênero... onde, principalmente as cores, também participam produzindo e revelando estes movimentos hierárquicos e, ao mesmo tempo, demonstrando características das castas principais. Por isso, assumimos ter alcançado o resultado e ter entendido quais os significados das cores das roupas usadas pelas castas principais de mulheres e também o que as cores representam em relação aos estudos sobre as cores na comunicação.

Todavia, acreditamos que para este trabalho ser completo abrangente sobre o estudo da psicologia das cores referente aos figurinos da série, poderá ser feita uma futura pesquisa pertinente em analisar profundamente as demais castas sociais representada no programa e as demais formas de representação da cor que se revelam na sociedade distópica de Gilead.

## Referências

- ASSOLINI, Elaine. **The Handmaid's Tale – O Conto da Aia – A distopia nossa de cada dia**. 2020. Disponível em: <<https://www.revive.com.br/blog/elaine-assolini/handmaids-tale-o-conto-da-aia-distopia-nossa-de-ca/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- ASSUNÇÃO, Letícia Formoso; CAMPELLO, Eliane. **Corpos vestidos: corpos coloridos, em A História da Aia, de Margaret Atwood**. 2016. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys29/arte/eliane.html>>. Acesso em: 27 nov. 2021
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Editora Rocco, 1987.
- BELLANTONI, Patti. **If it's purple someone's gonna die: the power of color in visual storytelling for film**. 1 ed. Nova Iorque: Focal Press, 2005.
- BENQ. **O que é cor “precisa?”**. 2018. Disponível em: <<https://www.benq.com/pt-br/centro-de-conhecimento/conhecimento/o-que-sao-cores-precisas.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- FARINA, Modesto.; PEREZ, Clotilde.; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5 ed. São Paulo: Editora Edgard Bluncher, 2006. 167 p.
- FRASER, Tom.; BANKS, Adam. **O Guia Completo Da Cor**. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC Paulo, 2007.
- GIMENES, Julia. **Os Contos da Aia**. 2017. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/20-critica/254-julia-gimenes>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor Como Informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2000. 148 p.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 311/541 p.
- INHAM, Paula Estrela Casali. **Religião Católica: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas**. 2015. 51f. Monografia (Pós Graduação) – Curso de Moda, Cultura de Moda e Arte, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- JACOB, Paula. **A distopia artística de 'The Handmaid's Tale'**. 2017. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/LazerCultura/noticia/2017/09/distopia-artistica-de-handmaids-tale.html>>. Acesso em: 27 nov. 2021
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia de Bolsos, 1987.
- MODA**. In: Significados. 2021. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/?s=moda>>. Acesso em: 10 out. 2021.

MORENO, Igor. **A Teoria das cores: Newton, Harris e Goethe**. 2020. Disponível em: <<https://artreze.design/blog/2020/11/17/a-teoria-das-cores-newton-harris-goethe/>>. Acesso em: 28 out 2021.

MOURA, Edgar. **Da Cor**. Santa Catarina: Iphoto Editora, 2016. 319 p.

ZYLBERGLEJD, Raissa. **A influência das cores nas decisões dos consumidores**. 2017. 99 f. Trabalho de conclusão de curso – Curso Engenharia de Produção, Universidade Federal Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10023496.pdf>>. Acesso em: 16 out 2021.

PALOMINO, Erika. **A moda**. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2003. 30 p.

GARCIA, Clarice Carvalho. A Cor na Moda Contemporânea: contribuições acerca das pesquisas de tendências de cores na indústria de moda. **Moda Palavra**, Brasília: Outubro, v. 11, n. 22. 2018.

PEDROSA, Israel. **Da cor à inexistente**. 10 ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009. 256 p.

PESQUISA ESCOLAR. **Isaac Newton | As partículas de luz**. Ano desconhecido. Disponível em: <<https://pesquisaescolar.site/isaac-newton-as-particulas-de-luz/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

THE HANDMAID'S TALE BRASIL. **Gilead**. Ano desconhecido. Disponível em: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/gilead.html>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

FAROFA GEEK. **The Handmaid's Tale | Veja por que a chocante série foi a melhor de 2017**. 2017. Disponível em: <<http://farofageek.com.br/series/the-handmaids-tale-serie-chocante-foi-a-melhor-de-2017>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

THE CULTURE CONCEPT CIRCLE. **The Handmaid's Tale – Fear is how democracies fail and fall**. 2017. Disponível em: <<https://www.thecultureconcept.com/the-handmaids-tale-fear-is-how-democracies-fail-and-fall>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PINA, Liliana Maria Gonçalves. **A Cor e a Moda: A Função da Cor Como Suporte Para o Design de Moda e Personalidade dentro de Um Público Jovem**. 2009. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1671>>. Acesso em: 18 out. 2021.

PLANO CRÍTICO. **Crítica | The Handmaid's Tale – 3x02: Mary and Martha**. 2019. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-the-handmaids-tale-3x02-mary-and-martha/>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PIPOCA. **The Handmaid's Tale: 7 semelhanças entre Gilead e o Brasil**. Disponível em: <<https://popoca.com.br/the-handmaids-tale-semelhancas-entre-gilead-e-o-brasil/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PROVISU. **Processo De Visão Das Cores**. 2019. Disponível em: <<https://www.provisu.ch/pt/assuntos/visao-das-cores.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.

SILVA, Cibelle Celestino; MARTINS, Roberto A. A teoria das cores de newton: um exemplo do uso da história da ciência em sala de aula. **Ciência e Educação**. Bauru: Janeiro, v. 9, n. 1, p. 53-65, 2003.

ALMEIDA, José Guilherme de A.; ALMEIDA, Thalita S. R. **Sentidos das cores a partir da Bíblia**. 2020. Disponível em: <<http://www.ciadancaevinda.com.br/2020/06/01/sentidos-das-cores-partir-da-biblia/>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

VAN AMSTEL, Frederick M.C. **Cor não é questão de gosto, é de cultura**. 2005. Disponível em: <[http://www.usabilidoido.com.br/cor\\_nao\\_e\\_questao\\_de\\_gosto\\_e\\_de\\_cultura.html](http://www.usabilidoido.com.br/cor_nao_e_questao_de_gosto_e_de_cultura.html)>. Acesso em: 25 nov. 2021.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à minha família. À minha mãe Ecilda, por toda a força e palavras de apoio. Ao meu pai Edevaldo, que desde o início me deu todo o suporte necessário para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço aos dois pela confiança depositada em mim e por terem me encorajado a finalizar (ou iniciar) mais uma etapa da minha vida. E à minha irmã Pâmela, por ter percorrido junto comigo este caminho e pela disponibilidade em sempre estar disposta a me ajudar nos trabalhos.

Em especial, aos meus amigos que fiz na faculdade, Laura Giordani, Rafael Martins e Pedro Uliano, pelo suporte que demos uns aos outros, importante para que essa trajetória fosse mais leve e divertida.

E à minha orientadora Aline Gambim, por me guiar durante o andamento deste trabalho de conclusão de curso.